

Sören Kierkegaard: o despontar da sociedade de massa e suas determinações na constituição do indivíduo

Sören Kierkegaard: the emergence of mass society and its determinations in the individual constitution

Profa. Dra. Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Bolsista Produtividade do CNPQ

RESUMO: Kierkegaard aponta para a conjunção disjuntiva do social e individual e, ainda, pontua que assim deve se dar a posição da estética junto à Psicologia. Em *A época presente* (1846/2001) Kierkegaard mostra como o nosso tempo está marcado por determinações sociais que afetam o pensar, sentir e fazer do indivíduo, que aparecem em *A crise e uma crise na vida de uma atriz* (1848/1988). É assim que Kierkegaard acompanhará a crise, a decisão e a transformação da atriz.

PALAVRAS - CHAVE: SÖREN KIERKEGAARD; SOCIAL; INDIVÍDUO; CONJUNÇÃO DISJUNTIVA, PSICOLOGIA CLÍNICA.

ABSTRACT: Kierkegaard shows that in order to follow the individual's saga for social determinations. The social and individual's disjunctive conjunction have to be esthetics position of Psychology. In *Present age shows* (1846/2001) like our time is marked for social determinations that affects the individual way to think, to feel, to do, that shows in *Crisis and a crisis in the actress life* (1848/1988). This way Kierkegaard follows the actress's crisis, decision and transformation.

KEYWORDS: SÖREN KIERKEGAARD; SOCIAL; INDIVIDUAL; DISJUNCTIVE CONJUNCTION; CLINIC PSYCHOLOGICAL.

Introdução

Sempre que pensamos em questões referentes às determinações de uma época, remetemo-nos, imediatamente, a Martin Heidegger (1898 – 1976), principalmente, a seu texto *A questão da técnica* (Heidegger, 1958). Nas reflexões e questionamentos que se encontram nessa conferência do filósofo constatamos que ele se refere à Era da técnica para falar do mundo moderno, que aparece por meio as seguintes orientações sedimentadas: instrumentalização, funcionalidade, antecipação, controle, descarte, automatização do

modo de ser do homem e lógica da intervenção com fins a correção. Tais orientações constituem o acontecimento-apropriativo que diz respeito àquilo que acontece atualmente e do qual cada um de nós, a seu modo, apropria-se.

Essa apropriação se torna possível, justamente, pelo caráter de indeterminação do existente. Isso quer dizer que o homem como *ek-sistente* sempre se constitui transcendentemente, logo, nada o determina a priori nem o orgânico, nem o psíquico e nem o social. Pode até parecer, na ideia de orientações sedimentadas constitutivas do modo de ser do homem, que ele, o homem, se faz pelo que o mundo determina. No entanto, interpretar dessa forma consiste em esquecermo-nos da cooriginalidade homem e mundo. Basta lembrar que se trata de uma apropriação, logo cabe ao homem a responsabilidade (cuidado) por aquilo do que ele se apropria. Em conclusão, existência aqui tem o sentido tal como esclarecido abaixo:

Cabe ressaltar que, com o termo existencial, não se pretende referir, como é comum no âmbito da psicologia, ao efetivamente presente. Se assim fosse, recair-se-ia em uma hipostasia do espaço. Existencial, tal como tomado pelos filósofos que pensam o espaço de realização do existir, diz respeito às possibilidades mais originais daquele que existe no seu encontro, também originário, com o mundo. (FEIJOO; MATTAR, 2014, p. 441)

Cabe lembrar que Sören Kierkegaard (1813 – 1855) dispendeu de todo esforço para retomar o caráter sensível da existência (estético), colocando-se como opositor a toda a filosofia de sua época, que tentava a todo custo suplantar o sensível uma vez que esse era enganador. Kierkegaard queria abalar as estruturas de pensamento, que se davam por meio a dicotomias, ou seja, sensível e racional, universal e singular, dentre outras. Foi por esse retorno ao sensível, à experiência, ou seja, ao estético que o filósofo dinamarquês recebeu a denominação de filósofo da existência.

HEIDEGGER (1958) também quis retornar ao caráter fático da existência, por isso passou a investigar a medianidade cotidiana por meio a hermenêutica da facticidade. No entanto, Kierkegaard já havia dado os primeiros passos nesse sentido, logo ele já se preocupara com a existência em seu caráter sensível (1843/2006) e já considerara as determinações que sustentavam o pensar, o fazer e

o agir do homem de uma forma específica, de acordo com seu tempo.

Ao nos debruçarmos mais atentamente sobre as obras de Kierkegaard, podemos constatar que este pensador já havia discutido o tema das questões que envolvem a nossa época, inspirado na novela *Duas eras*. No início do século XVIII, Thomazine Christine Gyllembourg (1773-1856) escreveu uma novela em que ela apresenta os efeitos que a nova vida política e social, na Europa, produzia na vida cotidiana. A escritora, nessa obra, compara duas gerações, a do final do século XVIII com a de 1840. Com o título *Duas eras*, publicado em 1815, ela descreve a mentalidade de duas gerações, a primeira antes da revolução e a segunda que sofre o impacto do pensamento do iluminista Jean-Jacques Rousseau (1712- 1778) e da Revolução Francesa (1789- 1799). Por fim, nos diz a escritora que as mudanças políticas têm reflexos na vida familiar e social.

Em *A época presente* (1846/2001), Kierkegaard propõe-se a investigar o fenômeno que se apresentava na vida social após a revolução, para tanto compara duas gerações: a do final do século XVIII com a de 1840. Em total discordância com iminentes pensadores de sua época, onde predominava o idealismo hegeliano, refere-se ao pensamento predominante, nessa época, como carente de paixão e de vida e repleto de teoria, com isto mantém-se a ordem, o ideal de progresso, no entanto, esvazia-se o sentido da própria existência. Com o predomínio dessa forma de pensar, tudo se torna teoria e abstração. Diz KIERKEGAARD (2001) em defesa do caráter sensível que quando falta paixão inexiste o ativo do sentimento, do entusiasmo, e também cada posição adotada se encontra na ordem do impessoal, tanto no que diz respeito ao posicionamento político quanto ao religioso. Tais decisões carecem de uma apropriação pessoal. Desta forma, fica obscurecido o ativo do doméstico, a piedade ou a admiração no cotidiano e na vida social. Ele diz, ainda que, nesta época, “debocha-se da graça que possui ativos e a massa ri em coro” (p. 49). Por fim, a época desapaixonada não possui ativos, tudo se converte em transações com papel moeda.

Nesta obra, Kierkegaard (1846/2001) ainda critica a emergente sociedade de massa, alertando que tanto a elite quanto o homem comum estavam se tornando autômatos. Ele defendia que os novos posicionamentos políticos e filosóficos do ocidente, ao abolir as marcas da tradição, tornavam o homem adaptado, afetando assim a possibilidade dele se posicionar contra aquilo que começava a se

determinar como liberdade em nome da ordem e do progresso. O filósofo da existência passa, então, a apontar para aquilo que emerge na época presente, ou seja, a força da publicidade, onde a verdade passa a ser o que se anuncia.

Nossa época passa não mais a se constituir como época de ação, nem de decisão, porém, de antecipação, de adiantamento e de superficialidade. A época atual mostra-se plena de reflexões exteriores, que são recebidas com excessivo entusiasmo, por outro lado esvazia-se a ação, que passa a ser indolência. As tarefas perdem todo o interesse por parte do homem, este reflete intensamente até chegar à decisão. Todos são expectadores a respeito da obra do outro, esperam indecisos, no entanto, exigem que alguém faça algo, e quando alguém o faz, os outros apostam naqueles que nada fizeram. Época em que se produzem profecias, apocalipses, sinais e ideais sobre o futuro, no entanto, nada se realiza. Época em que aquilo que é público provoca admiração, porém na privacidade é interpretado como trivial. Época do entusiasmo e da indolência, onde o que se gosta é de não se levar a sério, todos são capazes de compreender perfeitamente em termos de reflexão e observação, porém incapazes de agir e de assumir a responsabilidade pelas suas escolhas.

Kierkegaard chama a atenção para o modo como as pessoas se deixam conduzir apenas por um fortalecimento numérico, quando os referenciais destes indivíduos se encontram debilitados. O filósofo recomenda, então, que antes dos homens se associarem, devem ganhar em si mesmos uma postura, apesar do mundo. É preciso que cada um tenha sua própria posição, atualmente cada um para formar sua opinião precisa agrupar-se, daí a sua opinião é a do público, e assim sendo, torna-se uma abstração.

Kierkegaard tenta lembrar que o homem consciente de seus necessários pode desvencilhar-se dos chamados exteriores, que a todo o momento o solicita, proclamando os possíveis, e até apelando no sentido de convencê-lo que são necessários. Ele avisa ao atarefado homem contemporâneo, na urgência de alertá-lo para que a sua consciência se fortaleça e assim mobilizá-lo para que a escolha singular não seja esquecida.

Por fim, Kierkegaard mostra toda a sua preocupação com o período que ele denomina pós-revolução, pelo demérito de toda a tradição e pela ansiosa busca pela novidade. Desse modo, o tédio se pronuncia, denunciando que a existência sem a tradição esvazia-se.

Kierkegaard (1843/2006), na voz do pseudônimo A, argumenta, no texto intitulado *A rotação dos cultivos: ensaio para uma doutrina de prudência social*, que o tédio é a raiz de todos os vícios e de todo mal. Por isso o mundo recomenda mantê-lo à distância e procurar vencê-lo. Porém, como? Kierkegaard sob o pseudônimo A, então, traz o modo como o mundo, na voz do conselheiro esteta, faz suas recomendações. Através de uma ilimitada infinidade de mudanças, em uma dimensão extensiva, respeitando o princípio da limitação, o qual julga ser aquele que salva em um mundo repleto de solicitações. Ele exemplifica a situação com a rotação dos cultivos tal como acontece com os camponeses, que não transformam o terreno, mas trocam o método de exploração e a classe de sementes. Como aquele que, entediado de viver no campo, viaja para a capital e farto da sua terra natal viaja para o estrangeiro. Ao viver uma determinada situação cai no tédio e o resolve mudando a situação externa. Sem reflexão abomina a repetição e parte sempre em busca da novidade, busca estas que jamais se esgotam para assim poder, em uma ação incessante, evitar o anúncio do tédio.

Kierkegaard (1846/2001) propõe-se, então, a investigar o fenômeno social que estava se instaurando em sua época, sem recorrer aos fundamentos lógicos que se tornavam puras abstrações. Por meio de uma observação ingênua, Kierkegaard chega aos atributos concretos da época moderna e suas determinações na vida doméstica e social. Surge com essa proposta uma questão: já que Kierkegaard critica aqueles que ousam estabelecer previsibilidade e profecias, porque ele escreve este trabalho no qual pretende descrever os atributos concretos da época presente e as suas consequências? Desta forma não estaria adicionada mais uma profecia? Ele responde a essa questão da seguinte forma:

Se bem que tenho uma vantagem sobre os demais e de modo responsável me adianto ao profetizar posso assegurar de que ninguém acredita naquele que profetizo. Do mesmo modo, eu não sugiro que ninguém marque um determinado dia com uma cruz em seu calendário, nem que ninguém se perturbe quanto a se a sua previsão vai acontecer ou não. Se o que eu profetizo venha a se concretizar, existem outras que não se cumprem, então de qualquer modo serei um profeta da modernidade que simplesmente profetiza e nada mais. (KIERKEGARRD, 2001, p.

Para podermos acompanhar as descrições de Kierkegaard (1846/2001) sobre as determinações que começavam a ganhar força após a Revolução, primeiramente temos que esclarecer o que o autor denomina de abolição disjuntiva e de conjunção disjuntiva. A primeira diz respeito ao abandono de um dos polos de uma situação, considerando-se, assim, apenas o outro polo. Desta forma, instituem-se as dicotomias. A conjunção disjuntiva diz respeito à necessidade de conjugação de dois termos que embora diferentes, referem-se ao mesmo. Desta forma, institui-se a unidade que se constitui na diferença. Outro termo de Kierkegaard (1859/ 1986) que merece ser esclarecido é a adição ou diferencial. Adição diz respeito ao esclarecimento que aquele que pensa deve conquistar para poder recuar frente às determinações de uma época, que dita o modo com que se deve pensar, sentir e agir.

A fim de poder prestar esclarecimentos acerca do fenômeno social que vinha despontando em 1840, Kierkegaard (1846/2001) observa atentamente os acontecimentos, e na adição, conclui sobre as consequências da abolição disjuntiva:

- Tagarelice - que emerge da abolição disjuntiva entre o falar e o silêncio. Na época desapaixonada, com a abolição do silêncio, a fala torna-se excessiva e sem conteúdo, antecipando-se a uma fala essencial. A ação se enfraquece, pois tudo se perde no falatório. A tagarelice teme o instante, por isso tudo é adiado. A tagarelice teme o silêncio, pois este evidencia o vazio. Na época atual, tem-se muito do que falar e ao se calar fica o vazio. A multidão apática, que por si mesma, nada compreende e nada realiza, busca uma distração e se entrega a ilusão de tudo o que se realiza é realizado para que se tenha algo sobre o qual tagarelar. A tagarelice é uma externalização caricaturesca da interioridade. Nesta época, o que se diz aparece com uma insignificante repetição de nomes, referências, informações e citações, parecendo que é isso que torna tudo o que se diz algo confiável. “A tagarelice é uma caricatura da interioridade, é inculta” (KIERKEGAARD, 2001, p. 85, tradução nossa). Na época apaixonada, com a conjunção disjuntiva, todos falavam do mesmo: os poetas, as conversas

- comuns; e ao cair do silêncio, todos têm o que recordar.
- Desmedida - que aparece como consequência da abolição disjuntiva entre forma e conteúdo. Forma diz respeito àquilo que dá a medida, os limites, as razões, os motivos. Conteúdo refere-se aquilo que se materializa, no caso do homem, a sua ação. Em uma época reflexiva e desapaixonada, a forma desaparece e assim tudo pode ser qualquer coisa, já que tudo se dá por um princípio que é externo. Por exemplo, o amor expressa-se somente mediante o flerte com a mais incrível diversidade, ou seja, na desmedida. Assim, sem forma, atua-se por princípio. O princípio é o substancial, ideia cuja forma ainda não se abriu, pois falta entusiasmo, que por sua força é capaz de impulsionar o indivíduo. O desapaixonado carece disto. Para o desapaixonado o princípio é algo externo, razão pela qual pode fazer isto, aquilo e o contrário. Acerca disso, diz KIERKEGAARD (2001, p. 71, tradução nossa): "com isto o astuto, porém, insignificante pode se tornar um herói, por uma questão de princípio". As referências para a ação podem ser moda ou decoro, pois o que vale é que os princípios são exteriores, por isso são assumidos sem responsabilidade, sem arrependimento, desde o que se escolhe, escolhe-se por princípio. Na época apaixonada, forma e conteúdo apareciam em uma disjunção conjuntiva, por isso o homem podia conhecer a medida na sua própria existência e por ela tornava-se responsável.
 - Nivelamento - sobre o qual diz Kierkegaard que aparece como consequência da ordem social e política que valoriza a igualdade, a equiparação. O nivelamento ocorre quando há a abolição disjuntiva entre o experiente e o iniciante. Estabelecida a igualdade, desaparece a figura de autoridade. A igualdade entre as pessoas é o triunfo da abstração sobre a vida. A ideia da igualdade entre os homens, transgrede o que há de mais único entre eles, ou seja, sua singularidade. Quando ocorre a nivelção entre as pessoas, todas as relações se nivelam pais-filhos, professores-alunos, experiente-iniciante. Assim, essas relações se transformam, carecendo de conteúdo. Ocorre a abolição da autoridade. Na época desapaixonada e reflexiva, a competição será o

princípio unificador. Em um tempo de reflexão e abstração, o homem deixa de ser parte da relação e se converte em espectador. Como observador desvia-se da relação e passa a se interessar em estudar o problema da relação. Por fim, tudo termina em comissão. A relação pai e filho não é vista como algo da ordem da existência e passa a ser tratada como um problema do vínculo, ou seja, passa a ser algo que cabe ser resolvido pela ordem médica. A relação mesma de um com o outro é abandonada, o interesse passa a ser o que representa essa relação. Por exemplo, um pai que com toda sua fúria, atua por sua autoridade frente a uma criança desafiante, e que na maioria dos casos terminaria com uma reconciliação, agora a situação está representada como sendo um problema de relação. Assim, retira-se a questão da existência e coloca-se na ordem disciplinar. Quando as relações passam a ser tomadas como representação, ou seja, problema de vínculo, esquecermo-nos do adolescente rebelde, que teme a autoridade. Ao reduzir o assunto ao problema da relação, a autoridade desaparece, porque se estabeleceu a igualdade, o mútuo intercâmbio. O mesmo ocorre na escola, que consiste de fato no respeito e no aprender, tudo, no entanto, torna-se abstração quando o interesse se converte no problema da educação escolar. Essas relações se transformam em tensão, que ao se resolverem fora da existência, tornam-se imprecisas, uma vez que perderam o sentido. A reflexão desapaixonada encontra tranquilidade na ambiguidade. Com relação a isso recomenda KIERKEGAARD (2001, p. 58, tradução nossa): "Como uma dialética secreta é difícil de exterminar, requer um ouvido mais agudo para seguir os passos silenciosos de reflexão pelos métodos abreviados de ambiguidade". Em uma época apaixonada, a existência é o lugar, por excelência, em que as questões próprias das relações, na maioria das vezes, aparecem e desaparecem como tais.

- Loquacidade - é a abolição da disjunção entre objetividade e subjetividade. Na loquacidade, referimo-nos a tudo superficialmente. A loquacidade carece de profundidade dialética, assim argumenta e, com ausência de fundamentos,

convence. Para ilustrar a loquacidade e o anônimo, KIERKEGAARD (2001, p. 92, tradução nossa) diz: "Na Alemanha, existem manuais para os amantes, pelo que em última instância, falará o casal sentado falando anonimamente". Os manuais contêm instruções sobre como se deve fazer isto ou aquilo, tudo é da ordem do objetivo, do abstrato e do anônimo. Com a loquacidade desaparece o limite entre o público e o privado e, assim, aparece um falatório público-privado. Novamente, em uma época desapaixonada, a relação de um casal passa a ser algo a ser decidido em uma ordem médica, retirando a questão de seu sentido eminentemente, existencial. Em uma época apaixonada, a questão do casal se dava no âmbito da experiência do mesmo. Em uma questão conflitiva mais acirrada, não eram os manuais, mesmo porque estes não existiam, que os guiavam na busca de uma resolução, mas eram os sinais que a própria vida apontava. Por fim, cabia ao próprio casal o cuidado pela sua relação.

No século XIX, Kierkegaard estava preocupado com as transformações que estavam ocorrendo na vida política e social na Europa. Ele alertava para o fato de que o homem estava perdendo sua singularidade, uma vez que estava se deixando dominar pelo geral. Ele alertou para o grave perigo da publicidade por sua estratégia de sedução, capaz de convencer o homem a tomar decisões ditadas por todo mundo. O perigo era de que o homem se esquecesse de seu querer em conjunção disjuntiva com o seu poder. Com todas essas mudanças, a estrutura e a dinâmica das relações também se transformam. Vamos, a seguir, acompanhar como todas essas determinações da época atual aparecem na saga da atriz, bem como o modo em que no silêncio e na solidão, a atriz se transforma de modo a decidir o caminho com o qual seguirá o seu percurso existencial.

A crise e uma crise na vida de uma atriz

A crise e uma crise na vida de uma atriz é uma publicação cuja primeira edição apareceu no jornal *Faedrelandet*, Copenhagen, datada de 24 de julho de 1848. Nesse artigo, Kierkegaard acompanha,

esteticamente e psicologicamente, a crise e consequente transformação na vida da atriz Johanne Luise Heiberg Patges (1812-1890).

No texto da atriz, Kierkegaard (1948/1988) enfatiza as metamorfoses ou transformações pelas quais Luise vai tomando decisões no seu percurso de vida. Cabe lembrar que alguns escritores se ocupam do processo de transformação como possibilidade que se abre em momentos em que ocorre uma ruptura com as verdades estabelecidas pelo mundo. Como exemplo dessa transformação, podemos citar Clarice Lispector (1977; 1998), naquilo que essa escritora denomina momento epifânico. No seu romance *A hora da estrela*, o momento epifânico ocorre com a morte da jovem de 19 anos, datilógrafa, recém-chegada de Alagoas ao Rio de Janeiro, Macabea. No conto *Amor*, Ana que leva uma vida corriqueira, onde tudo parece perfeito: seu casamento, seus filhos, sua casa. Ana, no entanto, rompe com esse ideal de vida correta e certa quando acontece o seu momento epifânico. Ana vê o cego, suas compras caem no chão e, então, tudo aquilo que ela acreditava como estando sob controle desfaz-se. Ambas levavam uma vida de ocupações cotidianas, totalmente distraídas do sentido existencial e, portanto, esquecidas do caráter surpreendente e inesperado que está sempre na espreita. A transformação ocorre quando algo dessa conformidade cotidiana se rompe, o inesperado apresenta-lhes a vida tal como ela é e pode ser. É essa passagem que Kierkegaard evidencia na vida de Luise, a atriz.

Luise iniciou sua carreira de atriz, no teatro, em 1827. Na época, ela estava com 15 a 16 anos de idade e interpretava o papel de Julieta, no drama *Romeu e Julieta* do escritor inglês William Shakespeare. Ela se dedicou-se ao teatro durante 14 anos, nos quais ela era aplaudida, elogiada, provocando a imensa admiração do seu público. A atriz vivia seu esplendor no dia-a-dia, nada a abalava, parecia que toda sua arte de representação estava sob controle. Luise era linda e esplendorosa e, ainda, a mais afamada atriz de Copenhague. Ao chegar aos 30 anos, a primeira crise se dá, ela recebeu diversas e severas críticas de seu público e, por isso, ela não esperava. Louise sofre seu primeiro impacto, paralisa e fica em dúvida se continuará no teatro. Pergunta-se se todo o seu sucesso como atriz não foi uma questão de sorte. As críticas do público e dos críticos do teatro a abalaram, já não estava tão confiante como outrora. Kierkegaard refere-se à crise da atriz, sua insegurança, suas dúvidas, por fim, a incerteza que dela se apodera como o momento da primeira

metamorfose. Mas, a crise (a primeira do título) do que se trata?

Sabemos que em 1848 houve um manifesto comunista, que valorizou, enormemente, o coletivo em detrimento ao indivíduo. Isso estimulou, em demasia, o movimento de revolução da massa. Provavelmente, a crise a que Kierkegaard se refere é aquela que acabaria com a Monarquia, dando início a República. Kierkegaard tenta mostrar que o que ocorre na política interfere diretamente nas crises individuais. E, sem dúvida, o indivíduo era com quem o filósofo se preocupava. Por isso, no momento em que todos estavam escrevendo sobre o manifesto comunista, Kierkegaard estava preocupado com a atriz. Com isso, ele se mostra contra os movimentos dominantes e passa a publicar matérias sobre sua preocupação com o indivíduo singular. Kierkegaard inicia o texto da seguinte forma:

Eu acredito que, a maioria das pessoas ao pensarem em uma atriz renomada, imaginam que sua condição de vida seja encantadora e brilhante e geralmente se esquecem de seu lado espinhoso: as muitas inacreditáveis trivialidades e toda a sorte de injustiça e incompreensão justamente no momento crítico e a atriz não lhe cabe alternativa a não ser aceitar. (KIERKEGAARD, 1988, p. 12, tradução nossa)

Kierkegaard estava se referindo à tagarelice, ou seja, a falação que só fala sem se deixar no silêncio recordar, com que a publicidade acusava a atriz, no momento, em que ela se encontrava com 30 anos e, portanto, tinha começado a envelhecer. Ela começava a ser rejeitada pelo público e pela crítica por continuar a representar Julieta. Todos falavam dela sem parar, era o assunto do dia. Tratava-se da fala excessiva que apenas fala sem pensar demoradamente sobre o que está em questão. Kierkegaard quer, ao contrário, acompanhar o que se passa com Luise, em silêncio. E no seu silêncio, poder abrir espaço para recordar-se da arte de representar com excelência de Luise.

A atriz, que até agora era o ídolo da nação, começa a ser abandonada pelo público. Este que não quer mais vê-la no papel de Julieta. Agora todos querem que Luise seja substituída por uma atriz mais jovem. Esse público age sob a determinação de nossa época que é o nivelamento e conseqüente descarte. A experiência de Luise não tem o menor valor, só vale a juventude de outra atriz de 16 anos.

Nasce daí o medo da atriz, medo do descarte, o medo de não mais encontrar o sentido de sua existência, uma vez que o recurso da juventude se esgotou.

Kierkegaard (1846/2001) diz que o nivelamento característico de nossa época, ocorre pela abolição disjuntiva do experiente pelo iniciante, daí resulta a abolição da autoridade. Logo a experiência da atriz é abolida em prol da juventude. Com base na disjunção conjuntiva, diz Kierkegaard que uma jovem com 16 ou 17 anos arranca a admiração do público em qualquer lugar em que ela se encontre, mas é inegável a arte de representar que também é conquistada pela experiência. A experiência da atriz traz sutilezas que atraem o telespectador e o toma em uma mesma atmosfera de uma tensão tranquila, em que não se sente que o tempo da apresentação passou.

Acredita Kierkegaard (1948/1988) que o assunto da atriz deve ser algo a ser refletido apaixonadamente, ou seja, a experiência deve ser acompanhada, em um silêncio que requer a recordação, em uma detalhada investigação. Trata-se de uma metamorfose que deve ser descrita esteticamente, porém com a ajuda da psicologia. A atriz, em sua segunda fase, passa por uma transformação que abre a possibilidade de que a metamorfose aconteça.

Sem se perder na loquacidade característica da época desapaixonada que diz que os jovens têm atrativos e os velhos devem ser descartados, diz KIERKEGAARD (1988) que aos 17 anos, a atriz já estava em posse de algo que ainda está presente e que é difícil de definir, por isso ele denomina de posse indefinível. O filósofo tenta alcançar isso que a atriz possui e para tanto acompanha, em silêncio, a saga de Luise desde o início de sua vida de atriz:

Ela (a sorte) a atende aonde quer que ela vá e aonde quer que ela pare, em tudo que ela se compromete, no mínimo movimento de sua mão, em cada piscada de seu olho ou balanço de sua cabeça, em todo movimento de seu corpo, em seu gesto, em sua voz, em sua expressão facial. (KIERKEGAARD, 1988, p. 14, tradução nossa)

A sorte aqui pode ser entendida com o ter, ser um destino. Ser o destino daquilo que se apresentava inicialmente como possibilidade, convite, e ao atender ao chamado fez-se, na realização

do finito, necessidade. O observador esteta continua a sua descrição psicológica e nos convida a chegar mais perto daquilo que é a posse indefinida da atriz, diz KIERKEGAARD (1988, p. 5, tradução nossa): "vamos chamá-la de juventude". E, nesse trecho, Kierkegaard nos faz entender a disjunção conjuntiva entre forma e conteúdo que ele denomina de desmedida. Na sua justa medida, a juventude não pode ser entendida apenas pela forma, na qual importa o sentido numérico da idade cronológica da atriz. Sua juventude é alcançada quando forma e conteúdo formam uma unidade, trata-se da força vital, da vivacidade, da sua animação, da sua inquietude que revelam um vigor essencial. Não se trata apenas da sedução característica da jovem, mas da confiabilidade e exuberância na sua arte de interpretar.

Por fim, KIERKEGAARD (1988, p. 5, tradução nossa) alcança a posse indefinida de Luise que é "a correta afinidade com a tensão do palco". Continua:

Na ausência de uma aceitação plena, mesmo o mais alto nível de habilidade profissional não consegue ocultar o peso de uma aflição; mas onde a aceitação plena encontra-se presente, o peso da aflição é continuamente transformado em leveza. (KIERKEGAARD, 1988, p. 5, tradução nossa)

Na tensão da atriz, sua ansiedade manifesta-se como potência.

A posse indefinida da atriz está tanto na sua medida, na sua lida com aquilo que lhe vem ao encontro quanto com a sua experiência, no movimento de realização de sua possibilidade, ou seja, a representação. Seu desempenho, trazendo as palavras de Gilvan, diz de seu "i-mediato, ver-sentir, perceber no e como o fazer-se, que é vir a ser o que é" (FOGEL, 2012, p. 136). Sobre isso, Kierkegaard escreve:

Sua dicção é correta e exata. Sua voz não é exagerada, mas cultivada, moldando as palavras com clareza, não as mantendo para si mesma, mas as projetando, sem inibição. Ela articula de modo esplendente mesmo quando sussurra. Ela sabe como usar a sua voz e nada testemunha melhor pelas suas qualificações do que a maneira que ela é capaz de usá-la mesmo em falas insignificantes. (KIERKEGAARD, 1988, p. 6, tradução nossa)

E sobre a última metamorfose e por isso mais decisiva, esclarece Kierkegaard:

O tempo tem firmado seu direito; ele tirou algo imediato dela, sua primeira e fortuita juventude. Mas também, pelo fazer do tempo, simplesmente faz de sua genialidade, o manifesto mais essencial. Ela perdeu os olhos da plateia, ela ganhou o sentido ideal. E isso é simplesmente metamorfose: possibilidade contra possibilidade é dito também aqui: dialética contra dialética, pois o tempo não tem poder algum de destruir, mas somente um poder subserviente, que serve para tornar manifesto. A metamorfose da qual falamos é uma potencialização ou um retorno mais e mais intenso à condição original. (KIERKEGAARD, 1988, p. 10-11, tradução nossa)

A transformação, metamorfose ou momento epifânico é retratado pela literatura como um espaço que se abre, no silêncio, para a conquista de uma decisão cujo sentido se encontra no singular. Esse momento foi retratado, dentre outros, por Kierkegaard e Clarice Lispector nas figuras de Luise, Macabéa e Ana. Johanne Luise Heiberg, esposa de Johan Ludvig Heiberg (crítico teatral e dramaturgo) conquistou a sua transformação ao decidir não se deixar levar pelas determinações de seu tempo e consequentes críticas de seu público. Sabendo relevar a tagarelice de seu tempo, proferida pela publicidade; encontrando a sua medida como o lugar onde forma e conteúdo compõem uma unidade, valorizando a sua experiência e não seguindo a cartilha dos manuais que valorizam a novidade, Johanne Luise apresentou-se no Theatre Royal em Copenhague até 1864, quando estava com 52 anos. Continuou durante mais dez anos como Diretora e, em 1874, quando Luise estava com sessenta e dois anos, ela abandonou o teatro.

Considerações finais

Kierkegaard em diferentes textos refere-se à Psicologia e as relações de ajuda. Em *O conceito de angústia*, sob o pseudônimo Haufniensis, Kierkegaard (1844/2010) tenta encontrar outro lugar para a psicologia, qual seja, a existência humana em suas diferentes expressões de angústia e da liberdade. E, ainda, deveria essa ciência

retomar a existência como espaço de possibilidade da experiência. Para Kierkegaard (1848/2008), na voz de seu pseudônimo Anti-clímacus, o desespero é aquilo do qual a psicologia deveria se ocupar, pois, diz ele que apenas aquele que se interessa pela existência, referindo-se ao psicólogo, pode identificar e cuidar daquele que se encontra em desespero. Angústia e desespero, para o filósofo, referem-se às experiências estéticas, ou seja, algo da ordem do sensível. E no elemento sensível não há lugar para as dicotomias, ou seja, para as abolições disjuntivas. No sensível, espaço mais originário da existência, a conjunção disjuntiva encontra-se em total unidade, por esse motivo é que KIERKEGAARD (1988) vai afirmar que a conjunção disjuntiva do social e individual deve ser a posição da estética junto à Psicologia.

É pelos motivos expostos acima que todo o caminho traçado por Kierkegaard para acompanhar a saga da atriz, tanto no que diz respeito ao modo como ela é afetada pelo social como em suas metamorfoses, guarda uma íntima relação com aquilo que acontece em uma clínica psicológica existencial. Clínica esta que em uma conjunção disjuntiva, o psicoterapeuta na adição acompanha a dor que é vida e a dor da dor que é o sofrimento do homem tomado pelas determinações de nosso tempo. O homem moderno, em uma abolição disjuntiva, apropriou-se de modo autômato das verdades estabelecidas pela vida política e social. Apropriou-se da ideia de que era ele o centro do universo, senhor e soberano de todas as coisas e capaz de alcançar a perfeição, bastava que ele utilizasse o método certo e reto. E na abolição de um dos polos, ele esqueceu-se que a existência é em seu caráter vulnerável e lançado. Esse homem, ao se deparar com o incerto e o incontrolável, vive a dor pela dor. Trata-se daquilo que FOGEL (2010) poeticamente denomina no título de seu livro *O homem doente do homem e a transfiguração da dor*. À clínica psicológica cabe acompanhar compreensivamente a primeira dor. Para depois poder abrir um espaço para aquele que se encontra na dor da dor possa, sem deixar de escuta o mundo, conquistar singularmente no silêncio e na solidão aquilo que cabe a cada um ser.

Referências bibliográficas

FEIJOO, Ana .Maria; MATTAR, Cristine. A Fenomenologia como

Método de Investigação nas Filosofias da Existência e na Psicologia. Brasília: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 30 (4), 417- 423, 2014.

GILVAN. Fogel. **O homem doente do homem e a transfiguração da dor**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

_____. **Sentir, ver, dizer**: cismando coisas de arte e de filosofia. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

HEIDEGGER. Martin. La question de la technique. In: **Essais et conférences**. Paris: Gallimard, pp. 9-49, 1958.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1977.

_____. Amor. In **Laços de família**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1998.

KIERKEGAARD, Sören. **Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor**. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. **The crisis and a crisis in the life of an actress**. Copenhagen: *Jornal Faedrelandet*, 9, 1988.

_____. **La época presente**. Santiago do Chile: Editorial Universitária, 2001.

_____. **O lo uno o lo otro**: un fragmento de vida. V. 1 (Begonya Saez e Darío González, trad.). Madrid: Editorial Trotta, 2006.

_____. **O lo uno o lo otro**: un fragmento de vida. V. 2 (Begonya Saez e Darío González, trad.). Madrid: Editorial Trotta, 2007.

_____. **La enfermedad mortal**. (Demetrio Gutiérrez Rivero trad.) Madrid: Editorial Trotta, 2008.

_____. **O Conceito de Angústia**. (Trad. por Álvaro Luiz M. Valls.) Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2010.